



ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO JANE VANINI CÁCERES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFHISTÓRIA



**PROJETO DE PESQUISA:** Memórias de migrantes e iconografias na composição do ensino de História em Comodoro-MT.

**VÍNCULO INSTITUCIONAL:** Programa de Mestrado em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – Campus Universitário Jane Vanini – Cáceres/MT.

**PESQUISADORA:** Fernanda Jardim Vieira

**ENTREVISTADA:** Josefa Martins Souza

**IDADE:** 74 anos

**DATA/LOCAL:** Comodoro, 31 de agosto de 2020

**DURAÇÃO DA ENTREVISTA:** 1 hora e 18 minutos

**ASSUNTO:** História de vida, história de migrante, história da cidade.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM DONA JOSEFA

**PESQUISADORA:** Boa tarde, eu estou aqui com a dona Josefa que é moradora da cidade de Comodoro, e que gentilmente aceitou participar dessa entrevista e contar um pouquinho das suas memórias e daquilo que ela vivenciou nesta localidade, desde a sua chegada. Eu gostaria que a dona Josefa se apresentasse falando seu nome, sua idade, quando que veio para cá.

**J.M.S:** Meu nome é Josefa Martins Souza, nasci em 1946. Sou natural de Pernambuco, Garanhuns, só que eu não conheço lá, nós viemos muito pequena. Nos vinemos para o Sul de Mato Grosso, Bataiporã, e viemos para cá em 72 para a Alvorada. E quando foi em 82, aí apareceu seu Jonas Piovezan e o empregado dele procurando uma pessoa que fizesse um barracão aqui no meio do mato, um cercão assim, capoeira.

**PESQUISADORA:** Senhora morava em Bataiporã já nessa época? Quando ele foi atrás de vocês?

**J.M.S:** Morava na Alvorada

**PESQUISADORA:** Já tinha vindo para cá?

**J.M.S:** Já tinha vindo para cá, em 72. Aí eu fiquei com medo até do meu marido vim e eu ficar lá no sítio com as minhas crianças, sozinha lá no sítio. Mas aí o seu Jonas Piovezan, muito assim, muito carismático, uma pessoa que eu tenho na mente o tempo todo. Aí ele falou: “Olha, vocês não tenham medo não, nós ficamos sabendo que seu esposo é carpinteiro”. Nós estávamos na roça, trabalhando colhendo feijão a hora que eles chegaram. “E nós ficamos sabendo que seu marido é pedreiro, nós queríamos que ele fizesse um barracão lá nas terras que nos comparamos”, que era a antiga... saiu da

mente aqui, que era aqui, não aqui né, numa antiga fazenda que tinha uma serraria ali para baixo; Nova Oeste. Agora eu lembrei; nova oeste. Ai eu fiquei com medo dele vir, mas ele veio, mas eu rezava, rezava, rezava, ele tinha vindo para, eu tinha medo, ele veio sozinho, a gente não conhecia nenhum deles. Ai ele veio, fez o barracão, que eles eram muito bem de situação, tinha muito caminhão de tora, esqueide, trator de esteira, carregadeira, tudo! Então veio para montar aquele barracão para montar uma oficina, então ele veio para construir. Ai seu Adilson falou um dia: “a esposa do senhor não topa de vir para cá para gente...” Porque os meninos vinham do mato eles tiravam muita tora ai nas fazendas e iam para Alvorada. “Não topa de vir para cá, para morar fazer comida, para quando os meninos chegarem do mato terem comida pronta.” Ai o Milton que é meu esposo falou: “Eu vou conversar com ela, se ela aceitar.” Ai ele chegou em casa e falou comigo, eu falei assim: “olha, se você quer ir, vamos confiar em Deus e vamos, nos arranja uma família, deixa aqui no sítio cuidando e nós vamos. Ai quando nós veio, não tinha casa, nós ficamos de baixo de uma lona, e eu fazia comida com os tijolos no chão para essa turma tudo. Ai não tinha serraria aqui, não tinha nada. ai saiu um serraria lá no chefão, ai que eles buscaram a madeira, ai o Milton fez essa casinha que eu acabei de citar né, que foi onde que a gente acolhia as pessoas, ai que foi onde ponharam esse rádio lá para a gente se comunicar com o seu Adilson que morava em Cuiabá, que ele morava lá. Ai veio, ai nos viemos para cá. Ai eles faram assim: “Vamos montar um posto de gasolina”. Mas não tinha luz, não tinha água, eu ia lavar roupa no rio. Yago meu filho, esse que se foi... (voz embargada). Nos tínhamos uma caminhonete e ele ponhava quatro tambores de água, buscava água no rio, dia inteiro buscando água para encher as caixas para a gente usar.

**PESQUISADORA:** Esse rio é aquele que tem lá na saída?

**J.M.S:** Sim. É um agora que o povo chama cai n'água

**PESQUISADORA:** Isso, esse mesmo.

**J.M.S:** É. Então, um dia que ele falou assim: “Olha...”. mas ele montou esse posto de gasolina, mas era manual para encher, mas era de vez em quando que aparecia um carro para abastecer que vinha das fazendas, da fazenda foparapo, da fazenda estrela de outras fazendas, para abastecer alguma vez que vinha. Ai a gente ficou trabalhando, trabalhando, e quando certo dia, ai ele veio seu Adilson veio e falou assim, o dia que ele veio e falou assim: “que tal a gente formar uma cidadezinha aqui para favorecer a Alvorada, e se a gente formar uma fazenda, vocês ficam morando aqui do mesmo jeito.” Ai Milton falou, ai Milton aceitou!

**PESQUISADORA:** A senhora lembra mais ou menos que ano foi isso?

**J.M.S:** Aqui em Comodoro, 82

**PESQUISADORA:** 82 que eles começaram a mexer para...

**J.M.S:** 82 que eles começaram a mexer para formar uma cidade, nessa época tinha só nós, não tinha outras pessoas, e eles, que nem o Luiz Piovezan, o finado Beto, o marido

da Dina, que ficava aqui e eu fazia comida para eles tudo, fazia comida para eles tudo, lavava a roupa deles tudo, lá no rio. Eu fazia tudo isso para eles. Ai a gente, ai a gente falou assim: “Vamos vê o que vai acontecer.” Muitas pessoas criticavam a gente, lá da Alvorada mesmo, falavam assim: “Vocês é doido”. Eu estava lá na minha casa para ficar, para vir para o outro. “Vocês é doido? Vocês vão fazer o que aqui, vocês têm o sítio lá, vocês vieram aqui criar calango?” ai nos falamos: “Não, vamos ver o que Deus está marcando para a gente!” Ai então quando foi montada a primeira serraria lá do Del Mendes, ai veio aquela serraria para cá, ai quando montou veio pessoas juntas para trabalhar na serraria, ai começou a aparecer gente.

**PESQUISADORA:** Essa serraria foi montada aqui mesmo onde hoje é o Comodoro ou lá no antigo chefão?

**J.M.S:** Não, essa serraria do antigo chefão era de outro pessoal que acabou, era perto do antigo cai n’água, descendo ali na igreja católica de Fátima, lá naquela baixada lá onde o Calu mora.

**PESQUISADORA:** A sim, então já é aqui na localidade na onde já é Comodoro hoje.

**J.M.S:** Não, na onde que já é Comodoro!

**PESQUISADORA:** Tá certo.

**J.M.S:** Onde que é Comodoro.

**PESQUISADORA:** Ai começou a chegar às pessoas para cá. E quando a senhora veio para cá em 72 como que foi esse trajeto de sair do Mato Grosso do Sul, a senhora disse que veio do Mato Grosso do Sul para cá.

**J.M.S:** Assim, para a gente vir para cá, no Paraná tinha uma rádio que anunciava, assim que em tal lugar tava vendendo, no sertão de Mato Grosso estava vendendo terreno, vendendo sítio essas coisas tudo, e meu marido se interessou, ai nos veio para cá no pau de arara. Antigamente era caminhão coberto por lona, e a gente veio naquilo.

**PESQUISADORA:** E os valores das terras eram atrativos, no caso?

**J.M.S:** Sim. Era compara, não era assim igual hoje em dia que o povo pega e grila. Não era, foi comparado!

**PESQUISADORA:** Essas terras lá na Alvorada?

**J.M.S:** Na Alvorada. Tem aquela laticínio?

**PESQUISADORA:** Hum rum

**J.M.S:** Ali era o nosso sítio. Naquela época que nós veio aqui para Comodoro, abrir Comodoro. Foi à primeira casinha nossa, nos morávamos lá, ai depois o meu marido vendeu, que hoje ele arrepende, até hoje ele arrepende, ai nos veio para cá. Ai naquela época, assim, na fazenda fropap, não tinha negócio de passar veneno nos pastos, era só

peão roça, ai descia aqueles caminhão cheio de peão para roça mato, meu marido foi fazer casa nas outras fazendas que eles tinham, eu ficava sozinha com as minhas filhas.

**PESQUISADORA:** Quantos filhos a senhora tinha quando mudou para cá?

**J.M.S:** Eu tinha... quando eu mudei para cá sete filhos! (Silêncio) sete filhos! A minha mais nova que é a Edilaine que é a minha caçula, ela estava com cinco aninhos. Quando nos veio aqui para Comodoro, na Alvorada. Do Sul do Mato Grosso veio a Cidinha, a Rosa, e esse meu menino que morreu, mas os outros foi tudo nascido ali na Alvorada. Todos esses. Aqui no Comodoro não nasceu nenhum não. Nasceram tudo ali no sítio. Ai ele ia para a fazenda e eu ficava com medo, mas ai eu pegava meu terço e chamava, convidava as minhas crianças e nos sentávamos tudo ali na cama e começávamos a rezar, rezar, que nada acontecesse de mal com a gente. Às vezes aparecia algum peão fugido de lá das fazendas e eu tinha medo. Eles pediam um parato de comida, assim tudo, mas eu ia me apegando com Deus. “Deus esteja na minha frente”. Ai eu dava um parato de comida para ele, dava água, graças a Deus nada de mal aconteceu nem comigo nem com as minhas filhas. Ai quando... não tinha lazer de nada aqui! Ai os meninos do Piovezan falaram assim: “Vamos fazer um campo?” e o meu genro que faleceu de problema do coração, ai com tempo que a minha filha casou, depois. Ai: “Vamos fazer um campo de futebol aqui”. Ai eles pegaram o trator limpavam tudo ali onde é a paraça, ai eles ficavam ali brincando dia de domingo. Jogando bola, só tinha isso! Não tinha mais nada, ai nos construiu a igreja, ai essa igreja já fazia parte lá de Vilhena.

**PESQUISADORA:** A senhora lembra quando que foi construída a igrejinha mais ou menos?

**J.M.S:** A igrejinha foi construída em 85, 84, 85, mais ou menos.

**PESQUISADORA:** A senhora se lembra quantos dias de viagem demorou para vocês chegarem de pau de arara até aqui?

**J.M.S:** Nos gastemo, uai uma semana! Porque era estrada de chão. Vinha lá pelo chefão, ai tinha que parar na beira do rio para tomar banho, fazer uma comida, assim, quando nos veio.

**PESQUISADORA:** Uma semana de viagem!

**J.M.S:** De pau de arara.

**PESQUISADORA:** Quando a senhora chegou aqui, com a sua família, seus filhos o seu marido qual foi a primeira impressão que a senhora teve aqui do lugar? Quando chegou para morar aqui?

**J.M.S:** Aqui no Comodoro?

**PESQUISADORA:** É. A senhora quando chegou foi direto para a Alvorada no caso.

**J.M.S:** É.

**PESQUISADORA:** Aqui ainda não tinha nada pelo o que a senhora fala.

**J.M.S:** Não tinha, e quando eu vim também não tinha!

**PESQUISADORA:** (Risos) qual foi a primeira impressão que a senhora teve assim daqui, daqui da localidade?

**J.M.S:** A primeira impressão que eu tive, eu pensei: “ meu Deus, nos tínhamos a nossa casa lá no Sul, uma casa grande, boa e nós veio para cá porque?” ai eu conversava com Deus, eu falava assim: “É, na vida da gente tem autos e baixo, se nós estamos aqui é porque alguma coisa de bom vai acontecer. Que Deus está na frente, ele é tudo na nossa vida!” eu falei: “Eu não sei como que eu vim para aqui!” Tinha dia que eu nem dormia pensando: “Porque nos veio para aqui nesse lugar!” ai era coisa muito difícil para mim. Ai passou uns tempo, nós veio em 82, passou 82, 83, 84 ai eu escutei um barulho, ai onde é a Br, longe aquele barulho, e meu veio estava lá na fazenda do seu Adilson fazendo um curral lá para ele. “Meu Deus, que está acontecendo com esse barulho?” dai a pouco veio assim andando, mas naquele dia eu queria morrer de medo. Ai veio dois homens, tudo com roupa de firma, capacete, aquela coisa. Ai sentaram em cima de uma tora, longe assim e falaram assim: “Dona, não precisa a senhora ter medo da gente não, porque nos tamos... a senhora sabe assim que esta saindo um projeto que vai ser uma Br, um asfalto aqui?” eu falei: “Sim, a gente fica ouvindo, mas eu não tinha certeza disso não”. “E nós estamos fazendo o picadão, não precisa a senhora ter medo não, que nós também temos a nossa família, temos dois filhos precisa ter medo! Nos veio aqui para ver se dá para a senhora arrumar comida para a gente.” Ai eu com muito medo com as minhas crianças, eu falei assim: “O senhor Jesus, tenha misericórdia!” ai eu peguei e fiz dois paratos de comida. Ai eu entreguei os paratos de comida para eles, eles comeram, aí eu servi água para eles, dai, dai a pouco eles levantaram e foram embora, e falaram: “Quantos que é?” eu falei: “Não, não é nada não!”. “Então muito obrigada, Deus que abençoe a senhora!” quando eles falaram Deus que abençoe a senhora, parece que eu fiquei assim, mas confortada, sei lá como que é, um negócio assim. Ai demorou bastante tempo, um mês, dois meses mais ou menos, ai o maquinário foi chegando, foi chegando mais para perto. A Paz de Almeida pegou um tanto de asfalto para fazer e a Quitubeck, que eram duas firmas, uma pegava um trecho, outra pegava outro. Ai de repente apareceu aqueles dois homens de novo, ai as maquinarias já estavam ai pertinho tudo, ai eles falaram assim: “A senhora lembra de nós?” eu falei: “Não senhor, não me lembro!” mas nisso ai os meninos já estavam com os caminhões tudo carregando tora, né. “Não senhor” “a senhora lembra daquele dia que nós chegamos pedindo comida para a senhora e a senhora ficou com medo da gente, somos nós! Eu fiquei ai nossa, eu nem olhava direito nos homem. Eu falei: “então foi o senhor que veio naquele tempo?” Ele falou: “Sim, somos nós sim, nos trabalha nessa firma!” ai naquele tempo nos começou... ai eles trabalhando era muita gente. Ai veio os policiais federais, ficaram ai. Ai ficaram cuidando, tinha muita mineração que vinha de longe, de fora, de Rondonia né. Então vinha policiais assim e eles ficavam. Ai quando veio os policia para cá eles falavam assim: “Olha, não precisa ter medo não que a gente está aqui”.

**PESQUISADORA:** E como eram as condições aqui? Eu imagino que não muito boas né, que não tinha nem cidade né, mas eu gostaria que a senhora contasse as suas

experiências, as suas memórias, as suas lembranças aqui da localidade, a questão de infraestrutura, de saúde, como que funcionava?

**J.M.S:** Saúde zero, não tinha nada! A luz também não, a água também não, tinha que buscar no rio, ia lavar roupa no rio. Saúde, quando a gente assim ficava doente, a gente tinha que pegar, por exemplo, quando a gente morava na Alvorada, depois que a gente veio prá cá, a gente tinha um carrinho veio, jipe, sei nem se você conhece jipe.

**PESQUISADORA:** Conheço!

**J.M.S:** Ai ficava um menino doente, ai a gente tinha que ir lá no chefão, pegava um ônibus chamado são cristovão, velho! Ai nos ia lá, pegava esse ônibus para levar em Vilhena que tinha só uma farmácia. Não tinha hospital, não tinha nada!

**PESQUISADORA:** Nem em Vilhena tenha estrutura também.

**J.M.S:** Não, não tinha. Ai a gente levava lá, ele passava três remedinhos, e tal, e voltava para trás. Depois que chegou um farmacêutico lá na Alvorada, que até já faleceu. O Dadamazio, ai ele era, ele era tudo para gente, para todo mundo, ele era farmacêutico, ele era médico, ele pegava as crianças quando a gente ia ter o filho né.

**PESQUISADORA:** Eu ia perguntar agora. A senhora teve algum filho aqui ?

**J.M.S:** Sim. Tive a Edilaine, Claudia. Edilaine, Eliane e o Wagner. O Wagner ele trabalha em farmácia, lá em Nova Larcenda. Foi tudo em casa. Só a da... a caçula que eu fui para Jauru, Mato Grosso aqui.

**PESQUISADORA:** Tinha parteiras no caso?

**J.M.S:** Minha mãe.

**PESQUISADORA:** No caso quando vocês vieram para cá, veio a família toda, seus pais, seu esposo, todo mundo?

**J.M.S:** Eu não deixava meus pais para trás em lugar nenhum! Podia se enfiar em um buraco de tatu que eu levava meu pai e minha mãe. Não deixava. Eu fiz meu pai vender a casa lá no Mato Grosso do Sul para trazer eles, porque eu não deixava eles para trás. Nos mudou para Alvorada e construiu casinha para eles também. Quando nós veio para cá, com o tempo, quando apareceu a serraria, nos construiu essa casa aqui do lado aqui ô vizinha. Nos construiu a casinha para eles, mas eles tinha a chacarazinha deles no Alvorada mas mesmo assim eu não queria que eles ficassem lá. Fui lá: “Pai, o senhor vai morar lá, na sua casinha!”. “A, eu vou deixar aqui. Eu não quero que é longe!” ele imaginava que era longe, mas era pertinho, mas foi.

**PESQUISADORA:** Mas naquela época as condições de estrada...

**J.M.S:** Não tinha estrada!

**PESQUISADORA:** Também de transporte...

**J.M.S:** Não tinha.

**PESQUISADORA:** Realmente tornavam as coisas mais longe, igual a senhora levou uma semana para vir do Mato Grosso do Sul para cá. A gente não leva esse tempo todo hoje, mas as condições são diferentes,né.

**J.M.S:** Naquela época era longe.

**PESQUISADORA:** E era estrada de chão, né.

**J.M.S:** Era estrada de chão, sem recurso de nada, de nada!

**PESQUISADORA:** Para ir para a Alvorada aqui também não tinha estrada?

**J.M.S:** Não, era só, que nem tipo assim, por exemplo, você anda assim em um trieiro que tem matinho de um lado do outro, até chegar onde o povo chama a cerra do judas, lá para baixo perto da rua do finado maninho, o povo chamava cerra do judas. Ali tombava jipe, a estrada era de cheia de buracos, atolava, não tinha ponte. Pegava aquelas torona, so lavava por cima e panhava uma aqui e outra aqui, e o ônibus colocava roda num coisa daquele e o outro ficava lá na frente, vai retinho. E era assim .

**PESQUISADORA:** Vivia perigosamente (Risos)

**J.M.S:** Muito, muito sacrificoso da vida.

**PESQUISADORA:** Era isso que eu ia perguntar agora. Como era viver aqui na época. A senhora descreveu em uma frase; “muito sacrificoso!”

**J.M.S:** Muito! Não foi fácil ! Não foi fácil a minha chegada, nem na Alvorada e mais ainda aqui no Comodoro, não foi fácil.

**PESQUISADORA:** Quantos anos a senhora permaneceu lá no Alvorada, mais ou menos?

**J.M.S:** Olha eu cheguei em 72 e vim para cá em 82.

**PESQUISADORA:** Dez anos.

**J.M.S:** Nos veio para cá. Então nem lá foi vida boa. Assim, sob condições de vida: Fome graças a Deus nunca passou porque as terras dava muito arroz, muito feijão, criava muito porco, muita galinha, não passávamos fome não. Mas sobre a saúde, para você se comunicar com parente que ficou para trás assim, não tinha como. Eu tenho para mim lembranças boa, lembranças muito triste, de mais da conta, mas eu me sinto muito vencedora. Tudo isso!

**PESQUISADORA:** A com certeza a senhora é sim.

**J.M.S:** Eu me senti tudo isso. Eu me sinto mesmo com todo orgulho, com toda força, com toda garra! Porque se eu fosse uma pessoa assim que falasse para o marido: “A vamos embora e tal”. Mas eu não, eu suporrei tudo junto com ele. Nos tem 55 anos de

casado. Foi o meu primeiro namorado, casei e estamos vivendo juntos até hoje, graças ao meu bom Deus.

**PESQUISADORA:** Que lindo de ver! Hoje em dia a gente não vê isso em qualquer esquina não.

**J.M.S:** Mas de jeito nenhum. Então as pessoas já casam hoje pensando: “Eu vou casar, se der certo bem se não der.”

**PESQUISADORA:** (Risos). Como a senhora fazia para se comunicar, quando a senhora chegou aqui ? antes não tinha telefone, era carta?

**J.M.S:** Carta!

**PESQUISADORA:** Tinha correio aqui?

**J.M.S:** A gente mandava, passava assim uma pessoa de carro assim a gente escrevia aquelas cartas e mandava levar para a gente, para por em um correio, não sabia nem se entregava, não sabia nem se entregava!

**PESQUISADORA:** Era na fé.

**J.M.S:** Era na fé. Entregava e ai levava.

**PESQUISADORA:** Caminhoneiro ou qualquer um ...

**J.M.S:** É

**PESQUISADORA:** Qualquer um que estivesse passando.

**J.M.S:** “Dá para você levar essa carta e ponhar no correio para mim?” ai as vezes chegava nesse correio, outras vezes nem colocava. Ai demorava dois meses três meses para vir o retorno daquela carta assim, meu Deus do céu, era complicado!

**PESQUISADORA:** Em que ano chegou o telefone aqui que facilitou a vida de vocês?

**J.M.S:** Ai eu acho que foi em... quando Milton que chegou aquele telefone ali na... (Inaudível a fala sobre o seu Milton). Em 85 mais ou menos, ai a gente colocava a fichinha lá e falava com a Ana Luiza. Só ela quem tinha telefone lá no Sul. Eu panhava aquela fichinha lá... E quando caia. Então ai ele trabalhava demais, eu trabalhando, cozinhando para esse povo todo e aquela vida. Na verdade eu, sempre eu falo assim, eu não vivi, não tive aquela vida de jovem, não tive aquela vida de criança. Não tive aquela vida de adolescente que nem diz hoje: “ai adolescente não pode fazer isso, ou fulano, né.” O jovem não tem que trabalhar, o adolescente não tem que trabalhar. Eu comecei a trabalhar na roça com sete anos de idade, continuei trabalhando, vim para cá continuei trabalhando, fui tocar restaurante, ai a turma. Tinha um gerente da fazenda CONFAP que era CONFAP que mudaram o nome, mas enfim, ai ele falou assim, tinha aquele povo que trabalha com o asfalto e os Piovezan mesmo, ai ele falou assim: “O Zefinha, porque a senhora não toca um restaurante aqui, porque assim, agora está os

caminhoneiros na estrada de chão, mas eles?” tinha as horas de liberar, mas aí lotava de caminhão. Fizeram um pátio grande, quando era estrada de chão, aí parava os caminhoneiro tudo. Aí as vezes tinha comida, eles fazia comida no caminhão outras vezes não fazia. Aí esse homem que até já morreu lá, que era gerente da fazenda: “Dona Zefinha, porque a senhora não toca um restaurante?” eu falei assim: Olha, eu só não toco um restaurante porque o difícil é a carne, não tem na onde a gente buscar carne, não tem como. Ele falou: “não, por isso não. Se a senhora quiser tocar o restaurante eu dou um jeito e eu mando carne para a senhora, lá da fazenda. Eu mando carne para a senhora! Eu vendo o boi bem baratinho para a senhora!” “Então ta bom.” Aí nos construímos, já tinha a serraria e nos construímos aqui na frente.

**PESQUISADORA:** Aqui na avenida

**J.M.S:** Que avenida filha, tenha nem avenida...

**PESQUISADORA:** Risos

**J.M.S:** Era tudo...

**PESQUISADORA:** Eles chamavam CONFAP né.

**J.M.S:** Sim, mas aí quando entrou a tal política do finado Mazuti, que foi o Mazuti o primeiro prefeito aqui. Aí quando ele morreu, aí entrou os outro políticos e já quis mudar o nome da avenida , aí ponharam: Avenida prefeito Valdir Mazuti, que ponharam. Aí eles matavam a vaca lá e mandavam limpinha para a gente, e a gente ia. Eu comecei a tocar o restaurante aí vinha...

**PESQUISADORA:** Em que ano a senhora inaugurou o restaurante da senhora aqui? A senhora se lembra mais ou menos ?

**J.M.S:** Aí fia, foi depois de uns 5 anos.

**PESQUISADORA:** Depois que já era município ?

**J.M.S:** Não, não, ixé. Quando nós veio para cá, o município tem...

**PESQUISADORA:** O município é de 84, 86 né?

**J.M.S:** 86. Eu comecei o restaurante em 84, 85 mais ou menos.

**PESQUISADORA:** Antes de virar município?

**J.M.S:** Antes de virar município.

**PESQUISADORA:** Dai nessa época já tinha umas casinhas a mais ?

**J.M.S:** É, dos empregados da serraria. Aqui começaram com serraria porque tinha muita madeira aí para baixo, no Alvorada, nas fazendas. Aí começou a chegar serraria, a Del mendes, outros que já foram embora também. Ali do Zenor Zamban, uma serraria que tem ali do outro lado ali, que sempre ele manda um convite para mim, alguma

coisa, que ele manda, mas ele é (inaudível). Ele fala que é meu amigo. O meu filho trabalhava com o caminhão, nessa serraria, dele.

**PESQUISADORA:** A senhora me dá uma água?

**J.M.S:** Eu vou pegar um aguinha, pega lá. Ai, meu filho trabalhava na serraria dele. Ai quando meu filho foi descarregar o caminhão, aquelas tora veio por cima dele, que não tinha, eles não descarregam com paque né, puxavam aquelas tora, aqueles cabo e foi por cima dele... e na verdade ele não veio nem perguntar o que a gente precisava, o que ele podia fazer. E até hoje ficou por isso mesmo.

**PESQUISADORA:** Tinha dezenove anos, quando o seu filho, o filho do poema, que é o do poema [referiu-se a dissertação de mestrado da prof<sup>a</sup>. Luciana Raimunda Lana da Costa]

**J.M.S:** Dezenove anos. (Silêncio e melancolia)

**PESQUISADORA:** Quando a senhora montou restaurante da senhora, já tinha sido iniciado o processo de venda de lotes aqui?

**J.M.S:** Sim.

**PESQUISADORA:** Ai já tinham transformado, no caso a fazenda já estavam loteando para ser cidade?

**J.M.S:** Loteando, só que, sim, estavam loteando, mas só que teve muito lotes em volta ai para baixo, tudo que eles fizeram doação, seu Adilson e seu finado Jonas Piovezan, que ele era muito, muito querido da gente, muito, uma pessoa assim que se preocupava com a gente, entendeu? Sabe aquela pessoa que se preocupava assim, por exemplo, vinha os caminhoneiros para comer, ele ficava assim meio de longe, olhando as meninas, que minha crianças eram pequenas, ele ficava olhando, pesquisando, cuidava. Eu tenho muito, muito que agradecer a Deus pela aquela pessoa, ter ido tão cedo, é muita gratidão mesmo. Mas a vida é assim. Ai veio esse outro pessoal para trabalhar na serraria, ai montaram aquela outra serraria do Zenor Zamban, que ele é dona de meio mundo de terra por aqui. Ai meu filho trabalhava com eles. Mas aconteceu, ai foi a minha vida. Eu falo a verdade para você, não tenho mais aquela vida, minha vida se transformou. Não gosto de mais nada! Não sou essa pessoa de a, eu sou apegada com essa casa, com essas coisas, não sou apegada com carro, não sou apegada com nada! Para mim não tem mais aquela coisa de eu falar assim: “ai, eu gosto de tal coisa assim”. Não tem sentido. Não tem sentido.

**PESQUISADORA:** São memórias tristes também não é, dessa caminhada. Tem memórias felizes...

**J.M.S:** Muito. É que nem eu acabei de falar, tem o tempo que foi muito feliz. Quando nos chegamos aqui eu era feliz. Nossa senhora! Tinha minha filharada, tudo brincando na enxurrada quando chovia, chovia demais aqui. Brincando na enxurrada e tomava

banho, e aquela, naquela época eu era feliz. Ai depois do acontecimento eu... ai também perdi meu neto com cinco anos, ai eu, bateram nele, mataram ele. Ai acabou a minha vida. Eu sou feliz assim, porque eu falo assim, eu tenho muito fé em Deus. Ai meu filho foi numa tragédia, ai eu penso assim: “Ai não senhor”. Eu era muito assim: “Porque Deus deixou acontecer tal coisa?”. Mas não foi Deus que deixou acontecer, foi o trabalho duro, o trabalho pesado, perigoso que fez acontecer, não Deus. Depois eu fui assim, quando eu estava assim, desmoroando assim pegava a minha biblia, e falava assim: “Senhor me dê uma luz. Me dê conforto. Me dê força.” Ai eu lia aquela leitura, parece que Deus falava assim: “Calma, pensa bem!” Parece que eu ficava assim de boa. Hoje eu falo, é claro que eu me emociono, onde for, falar de um filho é claro que sim. Mas ai eu penso diferente, eu falo assim: “Se Deus é bom, é maravilhoso, ele que é o salvador, ele ama mais o meu filho do que eu, ele ama mais a minha família todinha do que eu amo, ele quem pode salvar, eu não posso!” Então, a vida foi complicada, a vida não foi boa. Hoje eu me sinto, eu penso assim, tem umas pessoas que faz, por exemplo, 20 anos, 10 anos, cinco anos, e ai fica falando: “A, eu sou fundador de Comodoro, eu sou isso, eu sou aquilo”. Eu fico só ouvindo, não falo nada. Fico só ouvindo. Falei: “Esse povo não sabe de nada”. Quando esse povo chegaram aqui tinha... foi até um ex cunhado meu que começou esse banco do Bradesco. O pai do Jeto, começou. ele construiu, ai vendeu. Ele vendeu para esse pessoal do Bradesco. Ele vendeu, ai depois eles terminaram e tal esse Bradesco, foi o primeiro banco que veio para cá. Nossa, todo mundo ficou feliz: “Ô o banco do Bradesco”. Ai veio uma farmacinha pequenininha, ai a pouco veio o mercadinho.

**PESQUISADORA:** Antes de vir esse mercadinho vocês faziam compara aonde?

**J.M.S:** Vilhena.

**PESQUISADORA:** Tudo era lá?

**J.M.S:** É. O pai da Guiomar, essa vereadora, o pai dela tinha um caminhãozinho, até ele falecerb tadinho. Ele faleceu, ele era uma boa pessoa, que só vendo. Muito boa pessoa! ai ele tinha um caminhãozinho ai quando eles queriam, a gente: “A vamos para Vilhena fazer compara.” Fazia compara para trinta dias. So não comparava arroz, nem feijão, nem óleo, essas coisas não. Tinha.

**PESQUISADORA:** Vocês produziam ?

**J.M.S:** Produzia. Produzia muito. Para o ano inteiro, sobrava!

**PESQUISADORA:** Banha.

**J.M.S:** Banha.

**PESQUISADORA:** E o arroz e o feijão vocês cultivavam.

**J.M.S:** A gente cultivava milho, tudo! Tudo assim de verdura, cana, mandioca, a gente tinha orta. Era uma fartura assim, que nós tinha. A gente ia lá comparava, porque tinha

meus filhos, tinha uns que não tomava leite de vaca, e ninguém tinha vaca naquela época lá na Alvorada. Depois que foram comparando umas vaquinhas que vieram de longe também, aí a gente ia para Vilhena, a gente comparava de duas caixas de leite ninho, caixa fechada. Aí comparava sabonete, tudo de caixa. Creme dental, essas coisas assim. Aí tinha uma lojinha de tecido lá, eu comparava bastante... a gente tinha o café para vender, aí a gente vendia os caminhões de café, pegava aquele dinheiro e ia fazer compara. Aí eu comparava bastante pedaço de pano, um metro, assim, comparava um metro, um metro e meio de várias cores, de várias florzinhas para mim costurar, aí eu custurava de noite.

**PESQUISADORA:** A senhora era costureira também.

**J.M.S:** Costurava, fazia vestido para as minhas meninas, lá. E aqui, nos chegou aqui e não tinha recurso de nada. Hoje o pessoal chega, tem mercado, tem vários mercados, tem várias farmácias, tem hospital, tem tudo! Ainda fala: “Nossa, que lugar, como você tem coragem de morar em um lugar desses?” Eu amo Comodoro! Foi aí onde eu passei uma vida muito difícil, com muito medo. Uma vida muito difícil, com muito medo, mas Deus sempre estava no comando das nossas vidas. Então nós vencemos.

**PESQUISADORA:** A senhora venceu aquele período, isso aqui é o paraíso agora, né!

**J.M.S:** Então, a história naquele um, um pouco, e mais um pouco que ela resumiu, né. Eu contei um pouco, e ela resumiu um pedaço, o mais principal era... aí hoje o pessoal ainda reclama, hoje tem tudo. Tem luz! Aí para mim tocar o restaurante nos comprou um motorzinho de luz, piquinho, e no fundo a gente colocou um frizer, uma geladeira. Naquela época era tão engraçado, que hoje eu penso, eu não queria uma geladeira vermelha mais nunca na minha vida!

**PESQUISADORA:** (Risos)

**J.M.S:** É, aí nos comprou um frizzer pequeninho...

**PESQUISADORA:** A geladeira era vermelha?

**J.M.S:** Vermelha. Ela era linda, né filha, era linda.

**PESQUISADORA:** Minha avó tinha ...

**J.M.S:** Vermelha?

**PESQUISADORA:** Vermelha. Era o auge naquela época.

**J.M.S:** Opa, era. Então vinha aquelas carne, a gente já colocava para gelar. A gente já ligava o motor, ligava até umas horas. Ponhava três bicos de luz e o motor para girar, para gelar as coisas, aí com isso a gente foi, aí Comodoro foi crescendo. O finado Jonas, seu Adilson Piovezan, eles doaram vários terrenos para quem vinha assim: “A, eu não posso...” porque eles queriam que formasse uma cidade. Eles falaram assim: “Se nós

não formar uma fazenda, nós vamos formar uma cidade!” Ai então eles começaram adoar e o pessoa via e vinha, gostava, pegava o terreno e construía, e era assim.

**PESQUISADORA:** O padrão das casas, no caso era de madeira, que era o que tinha fartura aqui na época? Ou as casas eram de material?

**J.M.S:** Naquela época não tinha casa nenhuma de material, tudo, todas eram de madeira. Inclusive até a minha, até hoje é.

**PESQUISADORA:** Com relação a educação, como funcionava dona Josefa?

**J.M.S:** A educação, era o seguinte, lá na Alvorada as minhas filhas estudavam com a Dona Helena, ela foi, a Dona Helena é uma mãe para os meus filhos! Ela foi a primeira professora dos meus filhos, lá no Alvorada, então meus filhos andavam seis quilômetros para ir para a Alvorada, todos os dias junto com ela! El atinha a fazenda dela e todo dia ela passava e as minhas meninas iam junto com ela, deapé. Então a gente fazia comida e não tinha merenda de escola igual hoje não que os pais vão na escola brigar porque os filhos so comeram bolacha, um suco, não sei o que. Naquela época não tinha, então a gente fazia comida cedinho, ponhava em uma vasilha, e eles levavam para comer lá.

**PESQUISADORA:** No caso quando a senhora chegou em [19]72 ela ainda não estava?

**J.M.S:** Não. Ela ainda não estava.

**PESQUISADORA:** Ai então eles passaram um tempo sem estudar até ela chegar?

**J.M.S:** Até ela chegar. Ai tinha a Ana Maria que veio para ser professora, a Virginia. A Virginia também que é sobrinha da dona Helena. A Virginia e Ana Maria que veio também. Ai a minha filha, a Rosa, porque se você vê assim, por exemplo, a dona Helena escrever e a minha filha escrever, você fala assim: “agora eu não sei de quem é a letra!” Porque é igualzinho. Ai a dona Helena falou assim: “Rosa, você agora vai me ajudar a dar aula”. E na minha casa o mei veio fez uma areona grande. Ai ele fez um quadro de tabua, e pintou e tal para a minha menina dar aula para uma família que vinha, tinha afinada Rosa, a Evanilde, as filhas dela tudo pequena, não tinha escola! Ai o Milton fez esse quadro e ela dava aula para os irmãozinhos dela e essas meninas. Ai a dona Helena falava assim: “Ai Rosa, você vai dá aula para mim!” E outra, aqui não era município, a gente fazia parte de Vila Bela da Santissima Trindade, Vila Bela. A dona Helena dava aula e ia deapé receber esse dinheirinho dela lá no chefão, pegar esse ônibus que ia para Vila Bela receber esse dinheiro desse mês que ela dava aula. Ai a minha filha começou a dar aula com ela, ela levou a Rosa junto, falou com o prefeito de lá e tudo né, ele falou: “Ela pode dar aula sim!” Ela ainda era novinha, para quarto e quinto ano. Quarto, quinto ano, do primeiro até o quinto, que ela dava aula, que ela estudou com a dona Helena. Dona Helena, Deus que me livre é um (Inaudível) para a minha filha. Ai eles iam, iam receber esse dinheiro lá. E a dona Helena é uma pioneira também. Depois que, ela tinha um sítio lá, ai depois ela veio para cá e continuou dando aula, e continuou dando aula e a Rosa junto com ela. Ai depois já foi modificando, já foi mudando a lei sobre o grau que a professora tinha para poder da aula, ai ela não quis ser

professora não, não quis estudar para ser professora, de jeito nenhum, ela não quis! Até hoje a dona Helena reclama. Então foi começado assim.

**PESQUISADORA:** E quando foi para fazer a cidade, a minha pergunta, não sei, para poder deixar mais claro, mas teve algum processo que envolveu a comunidade? Vocês? alguma associação de moradores? Ou tudo foi feito particular pelos Piovezan mesmo, eles fizeram todo o processo para formar essa cidade?

**J.M.S:** Não. Eles fizeram o processo assim, só que antes deles fazerem esse processo entre os irmãos, a família dele é grande, tinha mais um funcionário dele que era um funcionário, assim de confiança, né. Ai o seu Adilson chegou e me convidou, convidou o meu marido, e o seu Jonas e Seu Adilson, vieram até de noite, não tinha luz, com vela acesa, a noite, ascendi umas velas, ai ele falou assim para o Milton: “O seu Milton, o que o senhor acha da gente formar uma cidade aqui? A gente anunciar? liga para para o Paraná?” não sei para onde que tinha, e falar que estávamos vendendo, e pinhar placa onde os caminhoneiros passava e via, ou formar uma fazenda. Ele, o seu Adilson falou assim: “Só que eu acho melhor formar uma cidadezinha, porque fica mais fácil para a Alvorada(Inaudível, barulho do ventilador) para o povo vê que tem coisas mais perto!” “Ai tudo bem, então vamos, vamos! Ai nos ficamos dois dias de noite, que nome que nós vamos, se nós formar uma cidade que nome vamos por nessa cidade? Ai eu falava uma coisa, mas parecia que não dava certo, ai ele falava outra: “Mas esse ai não combina não”. Ai um dia apareceu, tinha um nome de um carro, lá, Comodoro. Ai nos começamos a rir né, ai nos falamos: “Vamos colocar o nome dessa cidade de Comodoro né, que, será onde que tem uma cidade chamada Comodoro?” Eu falei assim: “Nunca ouvi chamar. Vamos por esse nome, porque nunca ouvi falar”. E ficou por Comodoro, ai eles fizeram esse projeto, ai nós assinamos e foi feito.

**PESQUISADORA:** mas... igual vocês assinaram, a senhora, seu marido, vocês participaram de algum reunião, associação de moradores ou não, só assim?

**J.M.S:** Não.

**PESQUISADORA:** só assinou mesmo para...

**J.M.S:** Só entre eles, quando foi para formar mesmo, só entre eles. Agora a paróquia que nós fez, que ai virou paróquia, o padre veio fez, e todo mundo assinou.

**PESQUISADORA:** Mas a cidade não.

**J.M.S:** A cidade não!

**PESQUISADORA:** Assinou, mas não tinha associação, nem reunião para discutir as coisas.

**J.M.S:** Não tinha! Se tinha era lá para Cuiabá, entre eles, sei lá.

**PESQUISADORA:** Aqui não.

**J.M.S:** Aqui não.

**PESQUISADORA:** Certo, eu ia perguntar em relação ao nome, a senhora já falou, teve as discussões, até que o carro apareceu (Risos).

**J.M.S:** É porque ia tendo as discussões.

**PESQUISADORA:** Tá certo. A senhora tem algum item que a senhora guarda de lembrança de quando chegou aqui, algum cartão, alguma foto que a senhora guarda de recordação?

**J.M.S:** Eu tinha um documento dessa, documento não, documento legítimo não tenho. Eu tenho assim, por exemplo, quando eu comecei a tocar o restaurante, todos passaram a comer no restaurante. Todos eles, passaram a comer no restaurante. Foi servindo, foi servindo, depois que passou, aí venceu um ano, aí seu Adilson veio aqui e falou assim: “A, vamos acertar as refeições e tal?” Aí naquele tempo custava, não sei se era um cruzeiro, era no tempo do cruzeiro, cruzado, sei lá. Aí foi somar, estava até o finado Nininho, que é da outra família lá, eles são tudo parente. Aí ele falou assim: “A, eu vou ficar junto com vocês para mim ver o acerto.” Aí deu uma quantidade e seu Adilson achou que era demais, e eu ia marcando no caderno: “A, mais a senhora faz o menos, faz o menos!” Aí esse menos, essa quantidade ficou alta. Aí nos comparamos o terreno aqui, só que não tinha casa, nem de um lado nem do outro, era só nós mesmo.

**PESQUISADORA:** O valor das refeições a senhora comprou esse local onde a senhora vive hoje aqui?

**J.M.S:** Esse terreno, aí nos comparamos. Aí tem documento, tem tudo! Aí foi como nos fez o acerto. Aí o seu Nininho falava assim: “Tá muito, você está descontando muito!” Mas o seu Adilson falava: “Não, mas nós somos amigos e vai dá tudo certo!” “Ta, tá bom, fica por isso mesmo. Aí, eu tinha um pedaço de, uma folha de caderno, aí escreveu né: Custou... Aí meu Deus, quantos que custou? Eu sei que o trem era mais caro, valeu tanto, que eu não estou lembrada mais, só sei que foi escrito nesse papel, aí marcou a quantidade que deu, quantos que eu comprei e ele assinou e eu assinei, e esse finado nininho que é, como que é, o pai da mulher do Egidio? Aí eles moravam bem pertinho. Aí ele falou assim: “A Adilson, deixa eu assinar também, porque eu sou a testemunha, qualquer coisa.”

**PESQUISADORA:** No caso vocês fizeram, vocês mesmos sem ser no cartório?

**J.M.S:** Não, só pode aparecer o cartório...

**PESQUISADORA:** No caso vocês fizeram esse documento entre vocês mesmos?

**J.M.S:** Sim, foi feito entre nós, e uma testemunha x que tinha.

**PESQUISADORA:** E a senhora guarda esses documento?

**J.M.S:** Não, depois que foi feito...

**PESQUISADORA:** Não, esse papel que vocês assinaram a senhora guarda?

**J.M.S:** Ai quando, deixa eu falar para você. Quando o meu filho morreu, ai eu não queria ficar aqui mais: “Ai, vamos embora para a Barra do Bugre.” Ai eu peguei só um pouquinho de coisa, a minha filha ficou cuidando, eu fechei o restaurante. Ai no dia que meu filho morreu, ai apareceu um policial e o dono ali do Pato Branco, que é muito amigo da gente. Assim, olhando assim aquilo já me deu um negóciona ruim, eu na cozinha, e ele falou assim: “Finha, nos veio só avisar para a senhora que o seu filho está passando mal.” Ai eu já falei: “Não, o meu filho morreu! O meu filho morreu!” ai quando eu fui ver, ele tinha morrido mesmo. O restaurante tava cheio de gente da estrada, a gente ia recebendo dinheiro e ia guardando dentro de uma vasilha assim, dentro da cozinha. Era de noite, isso era umas seis horas da tarde. De seis a sete horas da tarde. Ai quando eles falaram eu não sei aonde que eu fiquei, aonde que eu fui, eu não sei. A minha casa, eu não morava aqui, morava na outra casa de cima. Ai tinha a Marlene aqui do lado, ai ela me levou para casa e eu deixei tudo aberto, não sei, eu deixei. Com dois dias eu voltei aqui, ai eu não vi mais o dinheiro, ninguém pagou, virou aquela... ai eu fui para Barra do Bugres, eu cheguei lá fiquei doente, tive que ir para o médico, ai eu fui e falei: “A Milton, vamos voltar!”

**PESQUISADORA:** A senhora chegou de ir embora?

**J.M.S:** Cheguei, para vê se amenizava mais as coisas, mas não. Não funcionou não. Ai eu falei: “Vamos voltar, meu filho está enterrado lá, eu tenho que me enterrar lá também!” Ai nos veio. Com isso, mudando para lá, mudando para cá, perdi o papel. Ele estava assim, amarelinho de tão velho que ele estava guardando em um livro. Perdi.

**PESQUISADORA:** Mas acontece mesmo.

**J.M.S:** Perdi! Ai vim embora e daqui eu não vou para lugar nenhum! Eu amo Comodoro e quero ser enterrada ali, junto com o meu filho, com a minha mãe e meu pai, meus primos, neto, todo mundo.

**PESQUISADORA:** Tá certo a senhora. Como eram as ruas da cidade e as viagens para fora?

**J.M.S:** Não existia rua quando nós chegou aqui. Tinha só essa avenida feita como trator.

**PESQUISADORA:** CONFAP...

**J.M.S:** Sim, CONFAP. Trator, até chegar lá no chefão, que hoje é Cargil né, que hoje é Cargil. E lá que passava a estrada que vinha de Cuiabá, que é a Cargil, que era o chefão, que ia para Vilhena. É assim que era. Aqui não tinha estrada, era aberta com um trator, até chegar na Alvorada. Então quando descia um caminhão por lá, atolava, os trator tinha que ir lá puchar. Não tinha condições de nada mesmo. Quando a gente chegava em casa tinha mais barro que não sei o que na, na roupa, e tudo assim, não tinha recurso de nada! O único recurso que teve aqui para nós uma vez, que a minha menina mais nova, eu percebi assim que ela reclamava de dor no ouvido e eu ponhava remédio no

ouvido dela, e eu comecei a ver que tinha um cheiro estranho. “Falei: Meu Deus, o que essa menina tem?” Ai como já tinha chegado farmacinha lá na Alvorada, ai eu levei ela lá. Ai ele olhou assim, começou a mexer e começou a sair sangue, do ouvido dela. Ai naquela época já tinha chegado um médico lá em Vilhena, um bem novinho, ele nem vive lá mais. Ai no hospital Santa Helena, doutor Walter. Ele está bem velhinho, doutor Walter. Ai eu falei: “E agora para levar essa menina? Eu vou levar de que jeito? Não tem estrada não tem ...” Mas seu Adilson, como era bom da grana e podia, ai lá vai nos passar um radinho para ele, contando a história para ele. Eu ainda estava lá na fazenda, ai um senhor foi lá com o jipe, o Sérgio da dona Helena. Foi lá na fazenda buscar eu de jipe, ai lá vai eu pegar o radinho e falar: “Seu Adilson, está acontecendo, assim, assim, assado.” Ai ele responde: Fica tranquila, calma que eu vou dá um jeito. Olha... não é que nem telefone que você fala e outra fala. Ai ele falou: “Olha, eu vou mandar um avião e vocês vão lá em cima, lá no chefão, que eu vou mandar um aviãozinho...” um avião pequeno né? “Para levar vocês lá em Vilhena”. Ai seu Sergio buscou a gente lá na fazenda e trouxe, nos pegamos a menina, fomos lá para o chefão, e lá nos fomos de avião até lá em Vilhena, em Vilhena nos chegou e levou ela nesse médico, só tinha esse médico que tinha chegado. Ai foi vê, um grão de feijão que tinha dentro do ouvido dela.

**PESQUISADORA:** Misericórdia!

**J.M.S:** Ai ele tirou aquelas duas metadinhas do feijão e ficou a casquinha dentro. Ai ele fez aquela lavagem dentro do ouvido dela, ai ele pegou a pinça e tirou aquela casquinha. Ficou muito tempo inflamado. Tinha uma farmacinha lá, o médico receitou, eu levei e comprei, o médico falou para pingar no ouvido dela.

**PESQUISADORA:** Se fosse para ir no caso de carro ou de ônibus demoraria muito.

**J.M.S:** A, dois dias. Dois dias!

**PESQUISADORA:** Dizem que vai dois dias...

**J.M.S:** Ai meu filho...

**PESQUISADORA:** Misericórdia, dois dias em um aviação que hoje em dias faz em menos de duas horas.

**J.M.S:** O meu filho, o Wagner, ai deu desinteria nele, muita febre. Ai la vai eu nesse ônibus, ficamos dois dias na estrada, para chegar em Vilhena, nessa farmácia do peruano. Sabe o que eu fiz, tempo das águas, chovendo, dentro daquele ônibus veio. Ai meu filho com sede, eu com sede também, ai quando chove, fica aquelas poças de água e fica aquelas laminhas, ai fica aquela água bunitinha por cima. Eu peguei uma fralda, dobrei e a fralda na boca da mamadeira, tinha a tampinha, eu fui pegando aquela água bem devagarinho, ponhando dentro da mamadeira, panhei na mamadeira e dei para ele beber, até chegar lá em Vilhena. A minh avida não foi boa não. Hoje tem tudo aqui, a minha vida é um paraíso.

**PESQUISADORA:** Era sofrido né. Porque a senhora acha que esse lugar aqui específico que é Comodoro se firmou como cidade? Porque assim, tem vários núcleos populacionais ao redor aqui né, tem o Alvorada, teve o Chefão, teve o Padronalto, o Padronalto faz parte daqui também. Na visão da senhora que estava aqui, que viu esse processo acontecer, porque a senhora acha que aqui se firmou como cidade e esses outros locais não?

**J.M.S:** Olha, eu vou falar bem uma verdade para você claramente. Essa cidade foi construída com amor, com fé. Os Piovezan são muito religiosos. Nós juntos, foi assim, feita com amor pensando nos outros, pensando nas pessoas, não pensando em si próprio. Por que eu falo isso? Porque o próprio seu Adilson, o finado Jonas, falou assim: “Vamos formar um cidadinha, para beneficiar a Alvorada, que fica tão longe para vir, para poder ir em Vilhena. Se a gente formar uma cidadezinha aqui, eu garanto que vai vir uma farmácia, eu garanto que vai vir um mercadinho, eu garanto que vai vir uma serralha, eu garanto que qualquer tempo aparece até um banco.” E foi o que aconteceu! Foi feito, foi pensado com amor, pensando com amor, pensando nas pessoas. Não foi pensando neles, porque se eles fossem formar só pensando neles, eles tinham formado um fazenda, criar gado. Eles pensou nas outras pessoas e nos pensou nas outras pessoas!

**PESQUISADORA:** O fato da Alvorada está um pouco distante também da onde passou o asfalto a senhora acha que colaborou para lá não ter se formando como um núcleo populacional municipal?

**J.M.S:** Sim.

**PESQUISADORA:** Porque lá era distrito, o primeiro distrito foi lá, né? Depois passou a ser o Novo Oeste aqui, que eles chamavam chefão, para depois passar para cá, né.

**J.M.S:** Porque lá, não teve pessoas assim, vamos se por de garra, que pensou assim: “Vamos formar uma cidade aqui, para crescer? Para ter várias coisas boas?” Não, não teve essa pessoa que pensou nas outras pessoas. Pensou só assim: “Vamos comparar um sítio, vamos criar vaca, vamos criar isso e aquilo outro.” Eu vou criar vaca. Eu vou fazer isso. Eu vou ficar bem de situação! Não pensando na cidade, e aqui não.

**PESQUISADORA:** Não teve engajamento então?

**J.M.S:** Sim, aqui não..

**PESQUISADORA:** Dos próprios, da própria população da localidade a senhora acha?

**J.M.S:** Ficou um tempão o povo querendo que formasse um município lá, e lá não tem condições nenhuma. Formar outro município bem ali, pertinho, não tem! E hoje eles gostam muito de Comodoro, a turma de lá. Meu genro mesmo está fazendo uma casa aí. A minha família mora aqui, minhas irmãs moram aqui. Então, é, isso aqui foi começado com amor, que a primeira coisa quando nós fomos pensar, nos pensamos: “Vamos fazer uma igreja.” Quando não tinha igreja, aí tinha a casa lá da dona Rosa, aí nós rezava hoje aqui, amanhã nos rezávamos lá na casa ... hoje aqui em casa. Depois veio a Fátima, ela veio depois e se juntou com a gente, ia na casa dela e ela vinha aqui. Assim foi, foi

formado essa cidade com muito amor, com muito carinho, pensando o melhor para o povo, pensando nas pessoas. Porque, quando você, eu mesma assim, se eu pego para construir alguma coisa, eu não pensar: “Eu vou construir para mim!” só para mim, mas tem que servir o irmão, tem que servir as pessoas.

**PESQUISADORA:** Ta certa.

**J.M.S:** Não é?

**PESQUISADORA:** Se a senhora fosse identificar as pessoas, alguns nomes como fundamentais para a formação dessa cidade, que nomes a senhora identificaria? Para a construção dessa cidade. Para que ela existisse na verdade, para que ela se formasse.

**J.M.S:** Tem tantas pessoas. Tem tantas pessoas. Ô tem o finado Aquilino, o dono ali do Pato Branco, mas eu vejo o Pato Branco assim que sem ele, as vezes que o povo veio para cá tinha passado necessidade, porque tinha trabalho, muito trabalho. Veio o Silvano, aquela época ele veio quase sem nada para cá. Tem a Ana Maria, tem o seu Anildo da copermaia, que eles tinha serraria também, agora que eles tem aquela cerâmica de tijolo lá embaixo. Olha, tem a finada Anita, que ela tinha o mercado aqui também, que ela já faleceu, ela, a filha dela e o esposo dela.

**PESQUISADORA:** Foi um dos primeiros mercados que abriu aqui, o dela?

**J.M.S:** Sim. Que era do meu ex cunhado, que era o pai do Jeto, que era dele o mercado, aquele mercado, depois ele vendeu, que foi ele quem fez o mercadinho, depois vendeu, vendeu para essa mulher.

**PESQUISADORA:** Então o primeiro mercado foi ele quem fez?

**J.M.S:** Foi, só que ele vendeu para outro. Ai ...

**PESQUISADORA:** Ficou como mercado da Anita, que eu já ouvi falar bastante.

**J.M.S:** Sim, foi o primeiro mercado, que foi o mercado da Anita. Aquilo tava um nó, até, tadinha. É complicado a história, não compensa a gente falar. Ai veio o Pato Branco, ai veio o Silvano, depois veio o Ivo, e foi crescendo. Hoje tem mercadinho para tudo quanto é lado. Graças a Deus.

**PESQUISADORA:** Com relação a política, quando aqui se formou como cidade, como que funcionou as eleições aqui? O processo eleitoral. A senhora se lembra, na sua visão assim.

**J.M.S:** A primeira eleição que teve, o prefeito era de Vila Bela. Nos votou para uma pessoa de Vila Bela. Nos votava no papelzinho, e tinha uns quadrinhos com o nome dos candidatos, naquele que você ia votar você fazia um x e assinalava. Você dobrava bem dobradinho e colocava em uma caixinha, depois eles iam contar e só Deus sabia quem ia ser o vencedor, porque muitas vezes contava com o nome de uma pessoa, os mesários que as vezes nem tava lá. Assim, marcadinho.

**PESQUISADORA:** Não existia no caso, a justiça eleitoral não era tão clara quanto é hoje ?

**J.M.S:** Não. O pessoal confiava muito nas contagens dos votos das pessoas, hoje não você vai lá, é tudo eletrônico, não é?

**PESQUISADORA:** É tudo digital.

**J.M.S:** Nossa época não.

**PESQUISADORA:** Tudo manual

**J.M.S:** Tudo manual! Para contar era de um por um, se ia marcando. Ai tinha o povo lá, e o pessoal jurado em volta! Por exemplo, se dava para contar os votos, assim que era. Os jurados tudo... Ai: “Fulano de tal, um voto.” Ai eles marcavam, a caneta, né. Ai o outro mesário: “Fulano de tal, três votos.” Ai você marcava, era tudo separadinho, ai depois ia somar na caneta, na caneta quantos votos fulano tinha levado. Ai era feito a festa. Quem perdia sai de lá zangando. E contava os votos sabe aonde? Em pontes de Lacerda. Nem aqui não era. Votava aqui mais ia contar os votos lá, levava as coisas para contar lá.

**PESQUISADORA:** E quem era os chefes políticos da época ? nas primeiras eleições ? a primeira na verdade.

**J.M.S:** Nas primeiras foi o Mazuti, depois Jair Bernedete, depois o Marcelo Beirusque, né, o Vilson Compemar, depois o outro, o Valdir Moares, depois foi a mulher dele e por último o Jeferson que é esse agora.

**PESQUISADORA:** E os Piovezan acabaram não tomando a frente política?

**J.M.S:** Nunca... Pois é

**PESQUISADORA:** (Inaudível) ele é meio parente do, o Vilson é meio parente né ...

**J.M.S:** Sim eles são tio do Vilson. Então, só que ele se entrometia na política, mas não sabia trabalhar. Ele dava um terreno para um, uma coisa para o outro e pampam, no dimdim não valia de nada. Todos esse foram assim, mas ele não tinha aquela visão para falar: “Não, é assim...” e o primeiro, quando o Mazuti foi prefeito, seu Adilson era vice. O seu Adilson era vice do Mazuti.

**PESQUISADORA:** (Risos) Eu acho que ele não me disse isso.

**J.M.S:** Mas ele foi, eu tenho certeza!

**PESQUISADORA:** Certo. Isso aqui a gente já falou, e a última questão que eu tenho aqui, é: Quais fatos a senhora considera mais marcantes na década de 70 ou na década de 80, que são os períodos ai que permeiam o nascimento, a construção dessa cidade. Um fato que tenha marcado muito a senhora, ou a construção da cidade em si. Quando a senhora pensa nesse período, o que vem a sua memória ?

**J.M.S:** Filha, parece que a minha memória, assim, sobre a construção da cidade, foi muito bom assim, um exemplo, quando construíram a praça ficou muito linda! Quando construiu mais coisas ficou muito linda! Mais nada me faz falar que foi melhor ou pior do que perder meu filho.

**PESQUISADORA:** Para a senhora essa é uma lembrança, foi a que mais marcou a senhora.

**J.M.S:** É, o que mais marcou. Uma marcação triste, né.

**PESQUISADORA:** É.

**J.M.S:** Mas aí quando o Vilson foi prefeito, quando ele se candidatou para prefeito. Todo mundo era Vilson e tudo mais, nós votamos nele. Foi um dia de alegria, todo mundo agitado, todo mundo alegre. Foi uma alegria assim, uma alegria assim que passou. A alegria passa, fica só a história. Agora uma perda, é uma história que não acaba nunca. Sempre está na lembrança (Silêncio). A eu falo assim, coisa boa, a melhor coisa boa que eu acho assim que foi feito pela cidade, foi esse hospital do doutor Mauro. Não aguentar tanta violência, tanta violência, assim sobre morte, sobre pessoas morrerem sem ter condições, assim de salvar a vida daquela pessoa. Porque ele lutava para salvar a vida da pessoa, mas não tinha assim uma UTI, ele fazia de tudo para a pessoa sobreviver, mas as vezes acontecia que não dava. E ele, eu acho o doutor Mauro assim, um doutor assim de garra, uma pessoa assim, segura nas coisas, porque ele chegou, o primeiro a chegar para salvar vida de pessoas aqui com malária, muitas pessoas vinha com malária. Ele chegou tinha outro hospital, primeiro foi outro médico que veio, mas logo ele foi embora, achando que a cidade não ia crescer, que a cidade ia ficar só naquilo mesmo, ele foi embora. O doutor Mauro não, ele chegou e ficou, ele chegou novo, jovem, e hoje ele já está de idade, ou que faça certo ou errado, mas ele está ali, na hora dos sofrimentos das pessoas. Eu sou admiradora dele!

**PESQUISADORA:** Tem mais algum fato que a senhora gostaria de deixar registrado, dona Josefa?

**J.M.S:** Qual sentido?

**PESQUISADORA:** Qualquer sentido. Algo que a senhora não tenha dito e gostaria de dizer.

**GUILHERME:** Tem mais alguma coisa que a senhora acha importante?

**J.M.S:** Eu acho importante, por exemplo, ela foi na dona Helena, ela foi no seu Adilson, ela foi em outras pessoas, eu acho assim que na conversa que você foi fazendo as perguntas, e daí, e as pessoas falar não: “Tem a dona Zefinha.” Eu acho assim que é um agradecimento, eu acho assim, como que eu posso dizer? É uma consideração pela minha pessoa. Me consideram, porque se não me considerassem jamais eles iam falar assim: “Não, tem a dona Zefinha.” Não, eles não iam falar. Iriam deixar só para eles. Tô falando assim que eles iam deixar só para eles. Não iam falar para mim.

**PESQUISADORA:** Só que tem, a senhora esteve aqui, a senhora lutou, a senhora batalhou, a senhora foi pioneira. A senhora batalhou muito, o seu Adilson usou a expressão: “pegou mesmo no arado e foi”. Então realmente eles tem essa admiração pela senhora, porque hoje Comodoro cresceu, virou cidade.

**J.M.S:** Nós começamos Comodoro.

**PESQUISADORA:** Está em crescimento na verdade.

**J.M.S:** Está em crescimento.

**PESQUISADORA:** E o dedinho da senhora está ali, então a senhora contribuiu muito.

**J.M.S:** Muito.

**PESQUISADORA:** Assim como outros, a senhora contribuiu muito, para que a gente tivesse essa cidade. Com certeza eles tem muita admiração pela a senhora, e com certeza no futuro, as gerações futuras também terão.

**J.M.S:** Porque assim, aqui tanto foi para o lado de formar a cidade, como foi para o lado religioso. Para os dois lados foi pensado assim com fé, com garra, com coragem. “Vamos fazer tal coisa?” “Vamos!” Esse marido ele trabalhou muito, construindo casa para um para outro, sem ganhar quase nada, sem ganhar nada a troco, nada! e a gente fala assim, e foi bom para a gente. Porque a cidade cresceu e tem condições melhores para a gente sobreviver. É isso que eu agradeço a Deus, eu agradeço a Deus por isso. Que os Piovezan eles são umas pessoas assim, do coração bom, sei lá, eles são mão aberta, porque o que os outros chegou por último que tem, eles não tem, por quê? Porque eles se doaram mais para os outros do que para eles.

**PESQUISADORA:** Eu tenho muito a agradecer a senhora por compartilhar as suas memórias e suas lembranças, mesmo que algumas delas sejam dolorosas...

**J.M.S:** Mas assim, faz parte da vida.

**PESQUISADORA:** Traumáticas!

**J.M.S:** Faz parte da vida.

**PESQUISADORA:** Agradeço muito a senhora por ter dado o seu depoimento, a senhora tem uma história muito linda, de luta, de superação, de muita força. Continuar aqui e amar o lugar apesar de tudo é só mais uma representação dessa força que a senhora tem. Então eu agradeço de coração a senhora ter me recebido, eu uma estranha...

**J.M.S:** Não, para mim não é estranha mais

**PESQUISADORA:** (Risos) para compartilhar a sua história, fico muito feliz que a senhora tenha compartilhado. Que Deus abençoe a senhora e a sua família, de coração mesmo. Espero que outras pessoas tenha acesso ao seu depoimento, conheça sua

história e conheçam a contribuição que a senhora deu para a comunidade, que somos. Eu já me considero daqui agora.

**J.M.S:** Eu também, eu também quero falar uma palavra para você, o dia que você me ligou, eu falei: “Tô indo para o sítio!” Eu peço desculpas.

**PESQUISADORA:** Imagina.

**J.M.S:** Que você me perdoe, porque logo nessa epidemia que veio as minhas filhas: “Mãe , vai para o sítio”. Ai a minha filha tem um sítio lá na Alvorada e lá tem luz, televisão, geladeira, tem tudo lá no sítio. É confortável lá. “A senhora vai ficar lá no sítio.” Que nós tem um sítio ali mas não tem luz, não tem nada, só tem água assim porque nós tem o motorzinho, então nós fomos para lá e ficamos trinta dias lá. Eu falei: “O meu Deus”, falei para o meu veio: “Eu acho que essa menina vai ficar com raiva de mim!”

**PESQUISADORA:** Imagina!

**J.M.S:** Até eu falei para você: “Quando eu vir de volta, e ficar tudo.. baixar mais a poeira, quem sabe a gente conversa”.

**PESQUISADORA:** Mas eu compreendo e sou mais grata ainda a senhora, que a gente não tá vivendo, a gente tá vivendo um momento histórico, que é esse momento de pandemia.

**J.M.S:** Justamente.

**PESQUISADORA:** Como eu conversei com a senhora, foi logo na sequencia já começou a histeria, todo mundo com medo, com pavor. Então eu super entendi, não foi só a senhora, na época eu também fui conversar com seu Adilson, a gente já tinha agendado uma entrevista, que foi adiada para um mês depois praticamente, por conta da questão da pandemia, ninguém também sabia como que era. Pode ficar tranquila, eu não fiquei com nenhum tipo de magoa. Eu entendi, vocês são público de risco, então por isso eu agradeço ainda mais a senhora está me recebendo hoje. Apesar da gente está mais calmo, mas a gente ainda está vivendo esse momento.

**J.M.S:** Tem que se cuidar.

**PESQUISADORA:** Ainda está acontecendo.

**J.M.S:** Que nem eu falo assim, você cuida de mim e eu cuido de você! Então vamos fazer isso.

**PESQUISADORA:** Exatamente.

**J.M.S:** Porque se não, se acontece, a mais fulano veio e aconteceu. Mas não, não vai acontecer nada de mal. O Milton, pega uma coca...

**PESQUISADORA:** (Risos) Dona Josefa, eu agradeço muito mesmo, fiquei muito feliz em conhecer a senhora.